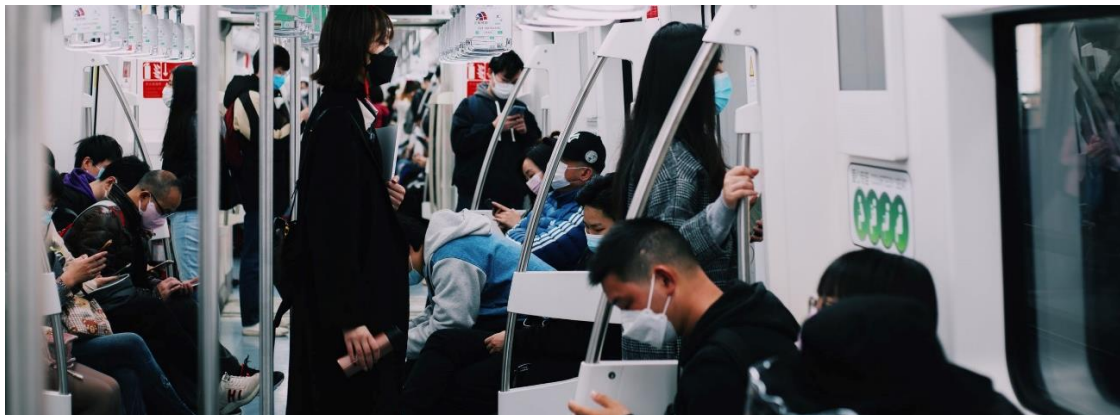


Efeito Coronavírus e o Seguro

POR ARMANDIR MACIEL SILVEIRA E CALISTO MATTIA

05 JULHO, 2020



Ninguém estava preparado para este momento de pandemia. Nenhum dos cenários traçados para 2020 conseguiu prever o impacto de um vírus na economia global. Nenhum país, nenhum segmento de mercado ou indústria traçou o mais pessimista cenário econômico que está em curso.

Apesar de haver divergências de pensamentos ou ideologias, não se pode minimizar a dimensão da crise provocada pelo Coronavírus (SARSCOV-2).

Certamente é o maior abalo na curva do desenvolvimento econômico do mundo nos tempos modernos. A tendência é que haja uma queda significativa, a maior do século, no PIB e também pela primeira vez na história, no IDH—Índice de Desenvolvimento Humano das nações. A maioria dos países afetados já enfrentam queda na atividade produtiva, atingindo indústria, comércio e serviços, principalmente.

Já há índices de aumento do desemprego e queda na renda, denotando a presença do ambiente de economia em recessão. Alguns setores mais afetados, outros menos e raros os que estão em expansão. A crise de ordem sanitária atinge a economia e provavelmente tem um arrasto para os anos seguintes com dimensões ainda incertas. O Coronavírus está representando um claro divisor de águas para a sociedade. Haverá um tempo antes do Coronavírus e um tempo depois do Coronavírus.

É difícil pensar em alguém ou alguma instituição que não tenha sofrido algum efeito provocado pela crise sanitária. Os atos do poder público para evitar a propagação do Coronavírus através de medidas de distanciamento físico, implica que a maior parcela da população esteja em suas residências e com mobilidade restrita. Estas restrições, conforme o rigor adotado pelas legislações regionais, podem limitar-se a deslocamentos somente para atividades essenciais. Então, face estas limitações, houve aceleração em alguns processos que estavam em curso.

Expressiva utilização de canais remotos:

- Transmissão de conhecimento à distância através de videoaulas em escolas, universidades, cursos em geral e também em treinamentos corporativos.
- Teletrabalho (*home office*), inclusive com o significativo incremento de vídeo-reuniões
- Compras online.
- Telemedicina.

Valorização da saúde, temas ligados ao bem-estar e atenção às questões sanitárias.

- Sinal de alerta para a segurança sanitária também para o setor agro, principalmente em relação à proteção dos rebanhos.

O teletrabalho (*home office*) é uma destas mudanças de comportamento e já é uma realidade. A pandemia apenas pode ter acelerado este processo de revolução. Os escritórios ficarão menores? A construção civil e o mercado imobiliário irão se posicionar frente à nova realidade de *home office*? Haverá uma nova configuração das unidades habitacionais para acolher um ambiente que se traduza em lar e trabalho? As residências ficarão maiores? Os prédios de escritórios ficarão mais enxutos, com menor espaço físico e menor estrutura de manutenção? Os equipamentos e as condições físicas utilizadas para o teletrabalho também terão uma maior visibilidade de sua relevância para as novas rotinas? Como estão e serão tratadas a infraestrutura e segurança dos sistemas para o acesso remoto? No mundo corporativo, em que circunstâncias e quais fatores determinarão a realização de reuniões fisicamente presenciais? Haverá redução no custo de viagens? Como irá impactar na economia eventual redução no tráfego aéreo, nas hospedagens e nos restaurantes para as viagens de negócios?

Com a dinâmica em curso no período de quarentena, o novo consumidor irá utilizar mais os canais digitais para suas compras? Nesta linha de pensamento, as compras pelo e-commerce irão ganhar mais espaço no market share do que as lojas físicas? Como isto poderá atuar na locação física dos estabelecimentos, na logística de distribuição, na concentração dos investimentos na indústria e distribuição?

Qual será o estado de confiança das pessoas após a crise?

Como o governo vai auxiliar a população menos favorecida e as instituições de modo a apoiar a produção e o consumo? Haverá continuidade no programa de concessões do governo federal promovido pelo Ministério da Infraestrutura? Os investidores terão a perspectiva de um cenário otimista ou poderão aproveitar um custo de oportunidade? Este turbilhão de pensamentos sobre o momento atual e o

“novo normal”, nos remete a algumas reflexões. São infinitas as possibilidades para o novo cenário. Algumas estão mais presentes em nosso cotidiano, mas é inviável traçar com exatidão qualquer prognóstico. Pode-se afirmar, que também, poderá ser um momento de novas oportunidades para quem saber fazer a correta leitura do novo normal. As organizações devem aproveitar este tempo para entender a mudança de comportamento do consumidor, adotar eventuais correções de rumo alterando seu planejamento estratégico. É necessário se reinventar e buscar alternativas que produzam crescimento e sustentabilidade. Prever o que ocorrerá na economia e como as pessoas, as organizações e a sociedade serão afetadas, mesmo ainda em 2020, é muito difícil. Quando pensamos em riscos, incertezas e oportunidades, uma das palavras que lembramos é SEGURO. Isto porque o seguro viabiliza que pessoas e organizações possam transferir seus riscos às seguradoras. Seria muito difícil imaginar uma sociedade contemporânea que conseguisse fazer transações comerciais, produzir bens materiais e de serviços, transitar grandes volumes de negócios e de pessoas sem a existência do seguro para conceder tranquilidade mediante a distribuição de riscos. Sem a existência do seguro, as perdas são cobertas pelo próprio patrimônio.

A indústria de seguros é uma das principais forças estabilizadoras da economia. As reservas constituídas pelas seguradoras no Brasil, por ordem legal, auxiliam o desenvolvimento dos mercados financeiro e de capitais, portanto, a formação da poupança. São aplicadas em sua maior parte no sistema financeiro. Estas reservas, ou provisões técnicas, hoje, na ordem de R\$ 1,117 trilhão, são formadas com base em cálculos atuariais para que possam garantir os compromissos futuros de seus segurados. As pandemias fazem parte do contexto da história mundial. Sempre ocorreram. A questão é quando vão ocorrer e com que dimensão ocorrerão. Quase sempre o impacto é gigantesco.

Há mecanismos de proteção às organizações e pessoas?

- **Para a indústria de Seguros** também não é tarefa nada fácil identificar tendências e soluções para as demandas que certamente surgirão a partir deste novo padrão de comportamento. Podemos fazer algumas reflexões e alguns exercícios de imaginação. Seguro Saúde, Seguro de Vida, Renda por Incapacidade Temporária e Previdência podem ser produtos com grande visibilidade e potencial. Uma das necessidades básicas do ser humano é a proteção à vida. Os diversos fatores de risco associados a manutenção da saúde e o acesso à rede de atendimento médico e hospitalar privada deverá ter um desejo de consumo aumentado. Provavelmente não há ainda incremento significativo neste período de crise, mas a probabilidade é aumentada assim que houver melhoria na condição econômica e financeira.
- **O acesso remoto aos sistemas corporativos no *home office*** deve merecer atenção. Há um significativo aumento na vulnerabilidade dos

sistemas de “A indústria de seguros é uma das principais forças estabilizadoras da economia...” informação e da proteção de dados. A contratação de Seguros de Riscos Cibernéticos será provavelmente objeto de avaliações mais aprofundadas por parte das organizações.

- O incremento de *home office* ampliará a percepção de valor do Seguro Residencial. A necessidade de proteção da habitação onde se reside também passará a ter importância com a necessidade de proteção do local onde se exerce a atividade laborativa que se produz renda.
- Se o teletrabalho e o ensino à distância proporcionam um menor uso do automóvel por um consumidor de seguros, a sua exposição ao risco pelo modelo tradicional de precificação pode afastá-lo do mercado. Nesta perspectiva, produtos *pay-per-use* podem ser uma solução, semelhante às iniciativas que já ocorrem no seguro automóvel, a ser adotada para outras modalidades de seguro.
- A situação econômica atual e o impacto causado as empresas poderão ser ambiente favorável a ação de responsabilidade aos executivos por decisões que causem danos materiais, corporais ou morais involuntários a terceiros. O seguro **D&O-Directors and Officers Liability Insurance** é uma modalidade de seguro de responsabilidade civil que visa proteger o patrimônio de altos executivos—diretores, administradores, conselheiros e gerentes de empresas—quando responsabilizados.
- A sanidade animal é um dos pilares de produtividade no campo. Os produtores percebem que boas práticas de manejo para a sanidade animal representa um investimento no plantel e com menor custo a longo prazo. Animais saudáveis representam uma melhoria na qualidade da cadeia produtiva: aumentam a produtividade e competitividade para o mercado nacional e exportações, além de proteger a saúde pública e o meio ambiente. A sanidade associada à qualidade dos alimentos já é uma das grandes preocupações do mundo e será intensificada após a pandemia provocada pela COVID-19. A percepção adequada de risco face ao enfrentamento potencial de bactérias, vírus e outros vetores que comprometem a produtividade e a qualidade dos alimentos deve resultar em um maior planejamento para enfrentamento dos riscos. Os cuidados com a sanidade animal devem ser adotados fortemente em toda a cadeia produtiva, a partir de produtores, indústria, instituições oficiais de defesa sanitária, laboratórios de ciência e tecnologia. O Seguro Animal e Seguro Pecuário podem ser uma alternativa de proteção não somente para os produtores como também para toda a cadeia produtiva. É necessária uma sensibilização por parte dos seguradores para melhorias e adequações nos planos de coberturas para estes riscos potenciais e também mecanismos que viabilizem uma compatibilização de custos para que haja adesão significativa ao seguro.

Neste sentido, a indústria de seguros deve atuar com foco em melhorias de coberturas de riscos, na subscrição e no desenvolvimento de novos produtos. Em produtos orientados ao comportamento do novo normal. Seguradores e corretores de seguros têm papel importante nesta missão.

“A transformação digital não é mais uma tendência e sim uma realidade.”

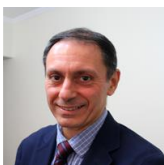
A atuação dos corretores de seguros, condição legal no Brasil, instituída pela Lei 73/66, é, na direção de atuarem como especialistas, consultores de seguros e riscos, e não de vendedores de produtos de seguros. O distanciamento é físico, mas não social. Nas situações de inviabilidade ou impossibilidade de estar presente fisicamente junto aos seus clientes e segurados, podem e devem utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis para ampliar o relacionamento e melhor entender os clientes e suas necessidades de proteção.

Alguns bons motivos para entendimento da atividade de corretor de seguros como consultor de gestão e riscos:

1. É o especialista que, amparado pela legislação em vigor, auxilia na avaliação do nível de risco e a melhor maneira de gerenciá-lo.
2. O corretor de seguros auxilia na determinação do nível de cobertura necessário no momento de contratação de uma apólice face aos riscos expostos.
3. O adequado entendimento dos clausulados das coberturas do seguro pode ser complicado. Orienta sobre a contratação dos produtos de seguros adequados e pode organizar coberturas que são adaptadas às necessidades individuais de negócios. Esclarece sobre os valores envolvidos de capitais segurados, limites máximos de indenização, franquias, valores em risco, sobre as condições contratuais de coberturas, benefícios e garantias, exclusões e outros itens.
4. Identifica os melhores produtos disponíveis entre as seguradoras e que sejam compatíveis com as necessidades dos clientes.
5. Atua como defensor de reivindicações dos segurados à luz das legislações competentes em vigência.
6. Auxilia na preparação de documentos e liquidação de sinistros.

O mundo está em constante transformação. A transformação digital evidenciada pela crise do Coronavírus mostra para os setores que ainda não perceberam que não é mais uma tendência. É uma realidade e afeta o comportamento das pessoas e empresas. O que se pode afirmar, mesmo no atual momento de crise, medos e incertezas, é que a indústria de seguros desde os primórdios, na época das caravanas que atravessavam os desertos há mais de 2.000 anos, segue auxiliando a manutenção e sustentabilidade das organizações e pessoas, cumprindo sua função social.

Vai seguir firme quando a economia voltar a dar sinais de recuperação.



Armandir M. Silveira, MBA em Gerenciamento de Projetos e Inteligência Empresarial e 30 anos de experiência no mercado Segurador.



Calisto Mattia, MBA em Gestão Empresarial e Marketing de Serviços. 36 anos de experiência no mercado financeiro e Cooperativas.